

FALTA DEFINIR AS REGRAS DO LEILÃO

Presidente da Eletronuclear diz que tarifa "mais realista" para a energia de Angra 3 deve atrair investidores, modelo de concessão deve ser aprovado no segundo semestre Por Jiane Carvalho



Não depende de fatores climáticos, como chuva e ventos, é segura, tem um combustível barato e abundante, além de não ser poluente. Mesmo com todos esses atributos, a energia nuclear continua tendo participação muito pequena na matriz energética do país, de 1,2%. Recentemente, com a prisão do ex-presidente Michel Temer, acusado de corrupção envolvendo o projeto, Angra 3 voltou aos holofotes, assim como o debate sobre a necessidade de um programa nuclear estruturado e de longo prazo para o país.

Em construção há 35 anos, e com várias paralisações e denúncias de desvio de dinheiro, Angra 3 se transformou em um eterno canteiro de obras. Agora, garante Leonan dos Santos Guimarães, presidente da Eletronuclear, responsável pela construção e operação das usinas nucleares do país, a obra é prioridade. Os primeiros passos nesse sentido já foram dados. "Após

revermos a tarifa projetada de Angra 3, para algo mais realista, estamos junto aos interessados em participar da finalização do projeto abrindo uma consulta sobre os modelos possíveis para licitar a obra, com um edital a ser lançado já no segundo semestre."

Há três modelos em estudo: um com a empresa vencedora obtendo participação societária na Eletronuclear, minoritária; outro em que Angra 3 seria excluída da Eletronuclear e o parceiro seria sócio da estatal em uma Sociedade de Propósito Específico (SPE); e um terceiro em que não haveria sociedade, mas o vencedor financiaria a construção e depois, com a venda da energia, seria remunerado por 40 anos. A projeção é que a usina seja concluída apenas em 2025 e entre em operação no ano seguinte, com potência instalada de 1.400 megawatts (MW), equivalente a 10% de Itaipu. Angra 1 e 2, em funcionamento, têm juntas 1.990 MW de potência.

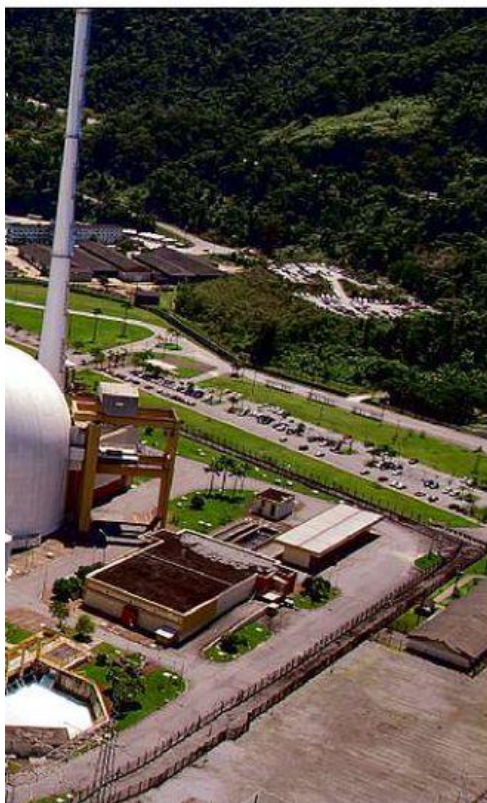
O ponto polêmico de Angra 3 é o preço da energia que foi majorada para atrair interessados, partindo de R\$ 245 MWh para R\$ 448 MWh. Já foram consumidos R\$ 7 bilhões na usina e ainda faltam R\$ 14 bilhões para concluir o projeto. "Não procede a ideia de que estamos passando a conta para o consumidor, porque o preço anterior era totalmente inviável, com ele nunca concluiríamos a usina", defende Guimarães.

O novo valor da energia de Angra 3 tem sido alvo de críticas. João Carlos Mello, sócio da consultoria Thyms Energia, considera "muito alto" e diz ainda que, se "o cálculo levasse em conta apenas o valor necessário para concluir a obra, sem o que já foi gasto, o preço seria bem menor". O presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia (Anace), Carlos Faria, vai na mesma direção: "A conclusão é muito positiva, necessária, mas R\$ 480 é um preço muito alto e foi posto para torná-la atrativa ao capital privado". O executivo reconhece, contudo, que é uma "escolha de Sofia". "Sem o capital privado, não será concluída e, além de perder os R\$ 7 bilhões já investidos, ainda teria que gastar mais R\$ 12 bilhões só para desmobilizar Angra 3, incluindo pagar dívidas, rescindir contrato com pessoal e empresas, desmontar estrutura etc." A expectativa é de que as obras sejam concluídas em 2025.

O presidente da Eletronuclear, em defesa do preço majorado para Angra 3, apresenta um cálculo comparativo com o valor de acionamento das termelétricas, para garantir o fornecimento de energia em período de seca. Em 2017, por exemplo, quando em boa parte dos meses o sistema operou com bandeira 3, a economia para o consumidor seria de R\$ 330 milhões caso fosse utilizada Angra 3, mesmo a R\$ 480 MWh, no lugar das termelétricas, segundo cálculos da Eletronuclear.

Carlos Faria, da Anace, também chama a atenção para o preço excessivo do parque termelétrico do país. "Mesmo a nova tarifa de Angra 3 ainda é menor do que muitas termelétricas que rodam com 'Chanel número 5', de tão caro que sai para o sistema", brinca o executivo.

Dados da Câmara de Comercialização de Energia



Central Nuclear em Angra dos Reis: faltam R\$ 14 bilhões para a usina 3

NUCLEAR

Elétrica (CCEE) mostram que o acionamento das termelétricas, incluindo todos os combustíveis (óleo, carvão, gás, GNL e as bicombustíveis), custaram ao sistema R\$ 13,5 bilhões no ano passado. As mais caras, movidas a óleo e boa parte construídas a toque de caixa no racionamento de 2001, registraram, na média, o preço de R\$ 715,21 o MWh, o dobro do valor já majorado de Angra 3. Além de caras, pesam contra as termelétricas o fato de serem bem mais poluentes. O presidente da Eletronuclear tem a expectativa de redução do valor da energia de Angra 3, "dependendo do modelo de licitação para a escolha do parceiro da obra, mas a tendência é de que o preço caia".

O setor debate também a necessidade de um planejamento estratégico que inclua o programa nuclear brasileiro entre as prioridades. Há uma série de variáveis que pesam contra e a favor de uma maior participação desta fonte na matriz. Comum nos discursos é o fato de a energia nuclear não ser poluente e, assim, colaborar para a redução nas emissões de gases de efeito estufa, além de ser um incremento importante na geração de base – garantindo o fornecimento independentemente de condições climáticas. Custo elevado e o tempo de execução dos projetos, por sua vez, pesam contra. "Este debate é global e não podemos ficar de fora, cumprir as metas de menor emissão de gás carbônico passa por fontes não poluentes, como a nuclear", afirma Guimarães, lembrando que recentemente a China anunciou que construirá mais oito usinas nucleares.

O presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (Aben), Claudio Almeida, vai na mesma direção. "Mesmo sendo projetos demorados e caros, como o combustível das nucleares é barato e não poluente, estas usinas ainda assim são bem mais vantajosas do que as termelétricas a gás ou óleo diesel, baratas em sua construção, mas com custo alto de geração e para o meio ambiente", resume Almeida.

Paradoxalmente, o país vem agregando na matriz energética mais geração de usinas eólicas (vento) e solares, que não poluem, mas tornam o sistema como um todo mais inseguro. "É um efeito colateral porque, à medida que eólicas e solares avançam, é cada vez mais frequente o acionamento das termelétricas, poluentes, para garantir a geração de base." O novo modelo de hidrelétricas, com reservatórios a fio, também colabora para esta maior insegurança no sistema. "Antes, quando as hidrelétricas tinham grandes reservatórios, isto não era um problema, mas hoje elas quase não possuem reservatórios e são afetadas pela estiagem."

Para o representante da Anace, não tem como olhar para 20, 30 anos e prescindir da energia nuclear. "Eólica e solar são importantes e vão crescer, mas não darão segurança. São as nucleares e as termelétricas, de preferência a gás, que garantirão a energia de base, de sustentação do sistema", defende Faria.

Felipe Gonçalves, superintendente de ensino e P&D da FGV Energia, pondera. "Claro que as usinas hidrelétri-



DIVULGAÇÃO

cas a fio, com mais intermitência, exigem medidas para melhorar a geração de base, mas a questão nuclear deve entrar em um pacote de alternativas para dar segurança ao sistema, e não ser a única fonte ou a prioridade em uma política energética." Para ele, em substituição às atuais termelétricas a diesel, o ideal seria o uso de usinas de ciclo combinado a gás. Outro fator que dificulta o desenvolvimento do programa nuclear no país é a pouca informação da população sobre a segurança das usinas. "Esse medo acaba pesando no custo de capital, com seguros e outras medidas de risco encarecendo o projeto."

Claudio Almeida, da Aben, lembra que a sensação "equivocada" de insegurança vem dos poucos acidentes que ocorreram. Foram apenas três em mais de 400 reatores em funcionamento há pelo menos 40 anos. O mais grave foi em Chernobyl, na Ucrânia, em 1986. "Tivemos ainda o de Fukushima, causado após um tsunami e por falhas no projeto, e o da usina de Three Mile Island, nos Estados Unidos, há 40 anos." Em defesa da segurança das usinas, o presidente da Eletronuclear lembra que o acidente de Chernobyl "nunca ocorreria aqui, porque eles usavam reator baseado em grafite, que fazia na Ucrânia o papel que a água faz em Angra."

Guimarães se diz otimista em relação ao processo em curso para a conclusão de Angra 3 e a um programa nuclear de longo prazo. "Temos interessados na parceria para a usina, a disputa será bastante competitiva." Entre os interessados, a americana Westinghouse, a chinesa CNNC, a francesa EDF e a russa Rosatom, além da japonesa Mitsubishi e da coreana Korea Hydro and Nuclear Power (KHNP). Mesmo as ações sob investigação, envolvendo recursos desviados de Angra 3 e o ex-presidente Temer, não devem atrapalhar. "São fatos antigos e que já foram contabilizados nos prejuízos do balanço de 2016 e não tem, portanto, nada do ponto de vista objetivo para prejudicar o avanço das obras e a atratividade de parceiros. Agora, do ponto de vista subjetivo é difícil avaliar."

Almeida, da Aben: combustível barato, seguro e não poluente